

Oposições ainda sem nome para 1998

Documento do presidente nacional do PT mostra preocupação com divergências locais que podem inviabilizar candidatura única

Jayme Brener
Da equipe do **Correio**

São Paulo — Luís Inácio Lula da Silva só será o candidato do PT à presidência, em 1998, se não houver outro nome capaz de garantir a unidade dos partidos de oposição (PT, PDT, PSB, PCdoB e, talvez, setores do PMDB). Não há nenhuma chance de os petistas apoiarem a candidatura do ex-presidente Itamar Franco, que vem sendo negociada por líderes do PMDB como o senador Pedro Simon (RS) e o deputado Paes de Andrade (CE). E tanto o PDT de Leonel Brizola como o PCdoB de João Amazonas preferem um não-petista como candidato das oposições. Se possível, o atual prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro (PSB).

Esses são os pontos principais de um documento secreto, elaborado pelo presidente nacional do PT, José Dirceu, que foi entregue reservadamente à mais alta instância do partido, a Executiva Nacional, na segunda-feira. No texto, Dirceu faz um balanço das últimas reuniões entre o comando do PT e dos demais partidos de oposição ao governo, que discutiram a campanha eleitoral.

“A candidatura Lula nunca foi colocada abertamente, seja porque ele continua afirmando nas reuniões e em público que não é e não gostaria de ser candidato, seja porque até maio o nome de Tarso Genro (ex-prefeito petista de Porto Alegre) parecia crescer no PT”, diz Dirceu no texto. “Mas está evidente que Lula

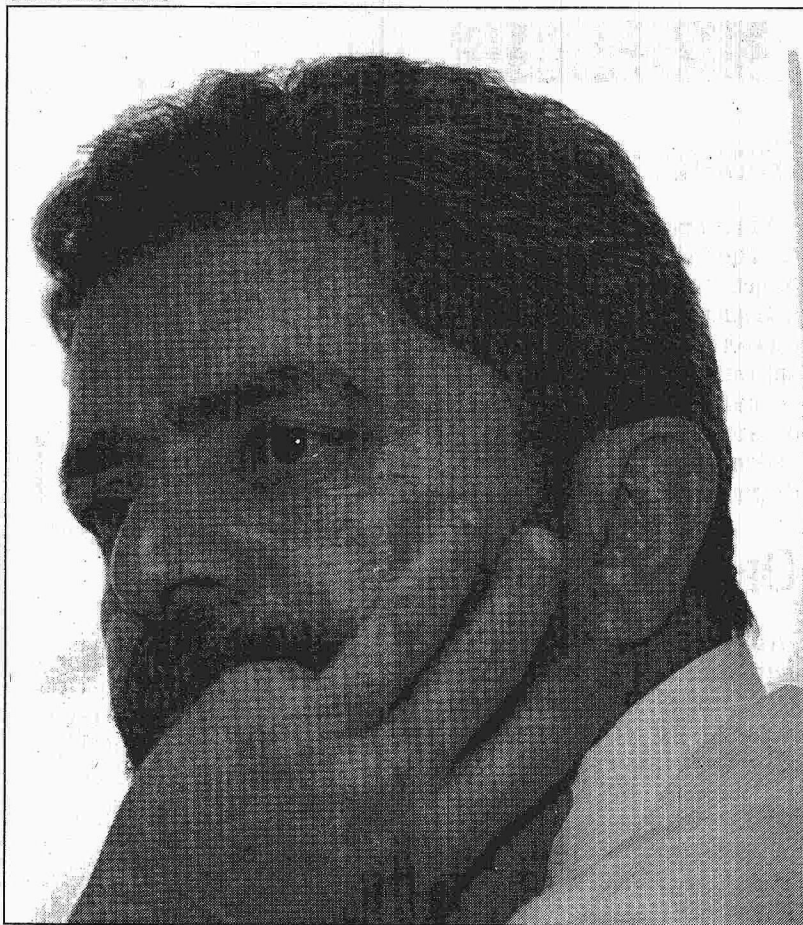
coloca como pressupostos à sua candidatura um amplo movimento suprapartidário e uma plataforma comum com ampliação das alianças, particularmente nos estados”. O nome de Lula teria ainda o apoio do senador Roberto Requião (PMDB), estrela da CPI dos Precatórios e nome forte ao governo do Paraná, em 1998.

Dirceu também revela no documento que o ex-ministro da Fazenda, o tucano Ciro Gomes, deverá ser candidato a deputado federal. Mas o PPS (o ex-Partido Comunista Brasileiro, do senador pernambucano Roberto Freire) estaria sondando Gomes, sobre uma eventual candidatura à Presidência, caso Lula desista e “não haja uma candidatura de centro-esquerda”.

Leonel Brizola, de sua parte, reafirma que não pretende candidatar-se e que apoiará o nome indicado pela frente de oposições, assim como os candidatos petistas aos governos de Minas Gerais, Distrito Federal e Rio Grande do Sul. Mas Brizola exige o apoio do PT ao candidato petista ao governo no Rio de Janeiro, o que enfrenta sérias resistências entre os petistas. Sem uma aliança no Rio, Brizola poderá apoiar a senadora Emília Fernandes (PTB, mas que estaria bem perto de migrar rumo ao PDT) ao governo gaúcho.

O PSB do governador pernambucano Miguel Arraes — afirma Dirceu no documento secreto — ainda não se definiu sobre a sucessão presidencial. Mas seu astro em ascensão, o prefeito Célio de Castro, estaria

Claudio Versiani 15.9.95



Lula insiste que não pretende ser candidato à Presidência novamente

defendendo a necessidade de se “disputar o PMDB”.

José Dirceu afirma que “na Câmara, de 15 a 20 deputados do PMDB, sob a coordenação de Zaire Rezende (MG), têm trabalhado em conjunto com o Bloco de Oposições. Com relação a 98 e à política de alianças, o PMDB (Paes de Andrade e Zaire Rezende) tem deixado claro que trabalha para ter um candidato próprio. Itamar Franco não se decidiu se é candidato à Presidência ou ao governo de Minas e sabe que o PT não apoiaria sua candidatura presidencial”.

DIVERGÊNCIAS

No documento, o presidente do PT demonstra extrema preocupação com as divergências regionais entre os partidos que se opõem ao governo de Fernando Henrique Cardoso. “Com a chegada do processo eleitoral de 1996, todos os esforços foram concentrados no processo eleitoral e na luta pela reforma agrária.

As divergências com o PDT e o PSB sustaram a construção da Frente. A discussão foi retomada em 1997, sem se fazer uma avaliação do

processo eleitoral em cidades como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Natal, Maceió, Diadema, São Vicente, São José dos Campos, Niterói, Feira de Santana e Ribeirão Preto, onde nossa divisão levou a derrotas do PT e ao afastamento entre nosso partido e o PSB, principalmente”, afirmou Dirceu.

“Temos as questões regionais com o PDT e PSB em Pernambuco, Rio de Janeiro, Alagoas, Rio Grande do Norte e Amapá e a complicada questão das coligações proporcionais com o PCdoB”, diz Dirceu, sugerindo que

as divergências locais poderão inviabilizar o lançamento de um candidato único contra FHC em 1998. “Assim, não é fato que basta o PT indicar Lula e teremos o apoio do PDT, PSB e PCdoB”, conclui o texto.

Hoje, os presidentes dos quatro partidos de oposição — José Dirceu (PT), Miguel Arraes (PSB), Leonel Brizola (PDT) e João Amazonas (PCdoB) deverão reunir-se para indicar um Grupo de Trabalho, que começará a elaborar uma plataforma política comum, de olho nas eleições de 1998.